

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Pedro Sánchez não apoia os Estados Unidos na guerra

Resistência da Espanha à guerra gera atrito com Trump

“A posição do governo da Espanha se resume em três palavras: Não à guerra”, afirmou nesta quarta-feira (4) o primeiro-ministro Pedro Sánchez, em um pronunciamento televisionado que dá a dimensão do atrito entre alguns países da Europa e os Estados Unidos desde o início da guerra no Irã.

A declaração do líder socialista ocorre após o presidente americano, Donald Trump, ameaçar suspender o comércio entre as duas nações em retaliação a Madri, que negou à Casa Branca o uso das bases de Rota e Morón para atacar Teerã.

Agora, a posição de Sánchez agrada ao seu eleitorado de esquerda às vésperas das eleições.

Espanha não será “cúmplice”

Um dos críticos mais ferrenhos tanto de Trump quanto do primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, Sánchez criticou líderes que “usam a névoa da guerra para esconder seus fracassos”. “É assim que começam os grandes desastres da humanidade”, afirmou. “Não seremos cúmplices de algo que é ruim para o mundo e também contrário aos nossos valores e interesses simplesmente por medo das represálias de alguém.”

La Moncloa - Gobierno de España



Vice-primeira-ministra disse que Espanha não será vassala

Defesa dos valores espanhóis

Mais tarde, a vice-primeira-ministra, María Jesús Montero, reforçou a crítica enquanto falava com jornalistas. “Certamente não seremos vassalos de ninguém, não toleraremos nenhuma ameaça e defenderemos nossos valores”, disse ela, citando o apoio da Comissão Europeia. Sem mencionar a Espanha, o órgão disse em um comunicado que espera que os EUA cumpram o acordo comercial com a União Europeia e expressou “total solidariedade” aos Estados-membros —o bloco exige que outros países o tratem como um grupo aduaneiro único.

Reino Unido também vive atritos

A postura combativa de Sánchez contrasta com a do restante dos líderes europeus, que se abstiveram de criticar o presidente americano. Mesmo hesitante em ceder temporariamente suas bases militares para Trump, o premiê britânico Keir Starmer não fez acusações a Washington —o que não o livrou de atritos com o republicano.

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)

Paciência tem limite

O líder do grupo extremista libanês Hezbollah, Naim Qassem, afirmou que entrou na guerra contra Israel ao lado de seu patrono Irã porque “paciência tem limite”. “Israel é uma ameaça existencial para o Hezbollah”, afirmou no dia em que o Estado judeu ordenou a retirada de civis do sul do Líbano.

Invasão terrestre

Nesta quarta-feira (4), o exército de Israel passou a bombardear mais fortemente a região do Líbano, em um ataque que muitos veem como o início de uma invasão terrestre maior —algo que não ocorre desde a guerra entre os rivais em 2024.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Lançadores de mísseis

O porta-voz militar israelense Navad Shoshani afirmou que seu país destruiu cerca de 300 lançadores de mísseis balísticos do Irã nestes quatro primeiros dias da guerra lançada pelo país e pelos EUA. “Acredito que isso ajuda a explicar a queda nos ataques contra nós”, afirmou, sem dar números exatos.

Barragens

Dados do Instituto de Estudos de Segurança Nacional, de Israel, indicam que houve 25 barragens com mísseis e drones no sábado, 62 no domingo, 24 na segunda e apenas 7 na terça. Observadores apontam que Teerã pode, contudo, estar economizando munição, além de ter diversificado sua paleta de alvos pela região.

Superioridade aérea

Navad Shoshani afirmou que seu país obteve superioridade aérea sobre o Irã em 24 horas, uma avaliação mais otimista do que a feita pelo americano Pete Hegseth, secretário de Defesa, que disse que ela ainda está por vir completamente.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Ataque coordenado

As Forças de Defesa de Israel afirmaram nesta quarta (4) que Irã e Hezbollah fizeram o primeiro ataque com mísseis coordenado da guerra. “Foram duas barragens duplas, vindas dos dois lados”, afirmou o tenente-coronel Nadav Shoshani pelo Zoom.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Estados Unidos não executavam ação deste tipo desde 1945

Submarino dos EUA afunda navio do Irã e deixa 87 mortos

Foi a primeira ação do tipo desde a Guerra das Malvinas

Por Igor Gielow (Folhapress)

Um submarino dos Estados Unidos afundou uma fragata iraniana na costa do Sri Lanka, a cerca de 3.500 km de distância do teatro de operações principal da guerra iniciada por Washington e Tel Aviv contra a teocracia no último sábado (28).

Ao menos 87 corpos já foram recuperados nesta quarta-feira (4) pelo governo do país asiático, enquanto 32 marinheiros do navio IRIS Dena foram resgatados e cerca de 60 ainda constam como desaparecidos.

Além de demonstrar o espraio do conflito no Oriente Médio e a disposição de Teerã de tentar proteger seus ativos navais mais preciosos, o episódio é bastante simbólico.

Foi o primeiro ataque do tipo desde a Guerra das Malvinas, em 1982. É também um feito inédito para a Marinha americana desde os estertores da Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1945, contra o Japão.

No episódio mais recente registrado, em 2 de maio de 1982, o submarino nuclear britânico HMS Conqueror perseguiu e afundou o cruzador leve argentino ARA General Belgrano, matando 323 de seus 1.138 tripulantes.

A perda foi equivalente a metade de todos os soldados de Buenos Aires mortos na operação expedicionária de Londres para recuperar o controle das ilhas

Falkland, invadidas pelos argentinos, que as chamam de Malvinas.

Também foi a primeira vez que um submarino americano afundou um navio desde o fim da Segunda Guerra Mundial, contra o Japão no Pacífico.

Segundo o Pentágono, foi empregado na ação um submarino de ataque não denominado. A Marinha dos EUA opera três classes desta embarcação, e a mais numerosa é a Los Angeles, com 40 unidades. Foi usado apenas um torpedo pesado Mk48, que custa cerca de R\$ 25 milhões a peça e carrega uma ogiva explosiva de 293 kg.

A Dena era um dos mais modernos navios de guerra do Irã, tendo entrado em operação em 2021. Ela é uma versão modernizada de uma classe anterior de fragatas.

O navio deslocava 1.500 toneladas e, apesar de ser chamada de fragata pelo Irã, cai na qualificação de corveta, mais leve. Segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, o país operava quatro modelos modernizados do navio.

Os Estados Unidos têm intensificado a propaganda de suas ações navais, reagindo às declarações do Irã de que controla o vital Hormuz, por onde passam 20% do petróleo e gás natural liquefeito do mundo. Na prática, o estreito está inoperante, mas os EUA dizem estar dizimando a Marinha rival —ao menos 20 navios já foram afundados.